

**JOHN LOCKE**  
**ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO**

Tradução, apresentação e notas:  
*Avelino da Rosa Oliveira*  
*Gomercindo Ghiggi*

**Parte 5 — (§§ 72-87)**

§.72. Mas retornemos ao assunto da recompensa e da punição. Todas as ações de infantilidade, as condutas inadequadas e tudo que o tempo e a idade, por si próprios, certamente corrigirão, estando (como já disse) isentas da disciplina do látego, não haverá tanta necessidade de bater nas crianças, como geralmente tem sido feito. Se acrescentarmos que o aprendizado da leitura, da escrita, da dança, das línguas estrangeiras, etc, devem gozar do mesmo privilégio, muito raramente haverá ocasião para tundas e uso de força numa educação arguta (ingenuous). A maneira correta de ensinar-lhes estas coisas é infundir nelas o gosto e a inclinação pelo que propendes que seja aprendido; e isto comprometerá sua aptidão e aplicação. Penso que não seja difícil alcançar-se isto, se as crianças forem manejadas adequadamente e se as recompensas e punições mencionados acima forem cuidadosamente aplicadas, e com elas observadas estas poucas regras no método para instruí-las.

§.73. 1. Nada do que elas hão de aprender em qualquer ocasião lhes deveria ser tornado um fardo ou lhes ser imposto como *tarifa*. Qualquer coisa que seja assim proposto, logo se torna enfadonho; a mente toma aversão a isto, embora antes fosse objeto de prazer ou indiferença. Ordenai uma criança a jogar pião a uma certa hora todos os dias, quer ela tenha ou não vontade de fazê-lo; fazei que isto lhe seja requerido como uma obrigação na qual deva gastar várias horas, pela manhã e pela tarde, e vede

se logo ela não estará cansada de qualquer brincadeira deste tipo. Não é assim também com os homens feitos? Aquilo que fazem animadamente por si próprios, não lhes enjoa e torna-se insuportável quando lhes é exigido como obrigação? Pensai das crianças como quiserdes, mas elas também possuem este desejo de mostrar que são livres, que suas boas ações provêm delas mesmas, que são tão absolutas e independentes quanto qualquer dos mais orgulhosos de vós homens feitos.

§.74. 2. Como consequência disto, as crianças raramente deveriam ser levadas a fazer as coisas, mesmo aquelas para as quais lhes tenhais infundido inclinação, senão quando tenham vontade e *disposição* para fazê-las. Mesmo o Homem que ama a leitura, a escrita, a música, etc... descobre em si mesmo certas ocasiões em que elas não lhe dão qualquer prazer. E se nessas ocasiões ele se obriga a fazê-las, apenas incomoda e desgasta a si próprio, sem qualquer proveito. O mesmo ocorre com as crianças. Esta mudança de espírito deve ser cuidadosamente observada, e os *períodos de aptidão e inclinação* devem ser atentamente utilizados. E se elas, por si próprias, não se encontram predispostas com freqüência suficiente, a boa disposição deve ser-lhes infundida com palavras, antes que elas sejam levados a fazer qualquer coisa. Penso que isto não seja tarefa difícil de ser executada por um tutor discreto, que tenha estudado o temperamento de seu pupilo e que, com pouco esforço, preencherá sua mente com idéias adequadas que possam fazê-lo amar sua tarefa presente. Por este meio, uma grande quantidade de tempo e de cansaço seria economizada, pois a criança aprenderá três vezes mais quando estiver *interessada* do que se empregar o dobro do tempo e das dificuldades quando estiver sem vontade ou for arrastada sem querer. Se a isto fosse dada a devida atenção, poder-se-ia permitir às crianças que se cansassem com as brincadeiras, e ainda assim teriam tempo suficiente para aprender aquilo que é adequado à capacidade de cada idade. Mas nada disto é tomado em conta na forma usual de educação, nem é possível que o seja. A disciplina grosseira do látigo é construída sobre outros princípios, não tem qualquer atrativo em si, não toma em conta o estado de espírito das crianças, sequer busca os períodos favoráveis de inclinação. E de fato, quando a compulsão e as palmadas criaram na criança aversão por suas tarefas, seria ridículo esperar que ela devesse, livremente, por si própria, concordar em deixar sua brincadeira e, com prazer, buscar as ocasiões de aprendizado. Se as coisas fossem ordenadas corretamente, aprender qualquer coisa que se lhes devesse ensinar deveria ser tornado um recreio em suas brincadeiras, assim como a brincadeira o é no aprendizado. Os esforços são iguais em ambos os lados; e não é isto o que as aborrece, pois elas amam estar sempre ocupadas; a troca e a variedade é o que naturalmente as deleita. A única diferença é

que, naquilo que chamamos brincadeiras, elas agem em liberdade, e empregam seus esforços (os quais podeis observar que elas nunca economizam) livremente; mas o que elas devem aprender é forçado: elas são chamadas, compelidas, e dirigidas ao estudo. É isto que no primeiro momento as frustra e as amedronta; elas querem liberdade. Conseguí que peçam ao tutor para ensiná-las – como freqüentemente pedem a seus companheiros de brincadeiras –, ao invés de ser ele quem as chama a aprender. Estando satisfeitas por nisto agirem tão livremente quanto em outras coisas, prosseguirão com tanto prazer que o estudo não diferirá de seus outros esportes e brincadeiras. Através deste método, cuidadosamente seguido, a criança pode ser levada a desejar que lhe seja ensinada qualquer coisa que tenha intenção que ela aprenda. Admito que a parte mais difícil seja com o primeiro, o mais velho; mas uma vez que ele seja posto na linha, será fácil através dele conduzir os demais para onde se queira.

§.75. Embora já esteja fora de dúvida que o melhor momento para as crianças aprenderem qualquer coisa é quando suas *mentes* estão *interessadas e bem dispostas* para isto, quando nem o enfraquecimento do espírito nem a ocupação do pensamento com qualquer outra coisa os deixa sem vontade e com aversão, ainda assim, há que se ter cuidado com duas coisas: 1) Que no caso destas ocasiões não serem atentamente observadas e aproveitadas quando venham, ou de não virem com a freqüência desejada, o desenvolvimento da criança não seja por isso negligenciado, deixando-se, assim, que ela progrida numa indolência habitual e seja confirmada nesta indisposição. 2) Que embora outras coisas sejam mal aprendidas quando a mente está indisposta ou, diferentemente, assoberbada, ainda assim é de grande importância, e digno de nossos esforços, ensiná-la a alcançar o domínio sobre si própria e ser capaz, por opção, de retirar-se da busca fervorosa de uma coisa e empenhar-se em outra com facilidade e prazer; ou, a qualquer momento, desvencilhar-se da preguiça e aplicar-se vigorosamente ao que venha a dirigir-lhe a razão ou o conselho de outro. Isto há que ser feito nas crianças, provocando-as – quando pela preguiça estiverem inertes ou pela dispersão estiverem dirigindo-se ao caminho errado – e buscando fazê-las deflectir para a coisa proposta. Se por este meio a mente for capaz de lograr um hábito de autodomínio, de pôr de lado *preocupações* ou afazeres, conforme requeira a ocasião, e dedicar-se sem relutância ou embaraço a tarefas novas e menos agradáveis, isto será uma vantagem de conseqüência maior do que o latim ou a lógica, ou do que a maioria destas coisas que usualmente as crianças são obrigadas a aprender.

§.76. Sendo as crianças mais ativas e ocupadas nesta idade do que em qualquer outro período de suas vidas e sendo indiferente para elas o que quer que façam, contanto que façam algo, *dança* e *amarelinha* seriam a

mesma coisa, fossem os encorajamentos e desencorajamentos iguais. Mas quanto àquilo que gostaríamos que elas aprendessem, o grande e absoluto desencorajamento que posso observar é que são exigidas a fazê-lo, que isto é *transformado em obrigação*, que são *chateadas e repreendidas*, e que o fazem com medo e apreensão; ou, quando buscam voluntariamente, são ocupadas por muito tempo, até estarem fatigadas. Tudo isto restringe em demasia aquela liberdade natural que elas amam apaixonadamente; e é unicamente esta liberdade que constitui o verdadeiro encanto e o prazer de suas brincadeiras habituais. Mudai de método e vereis como logo mudarão sua aplicação, especialmente se vêem exemplos de outros a quem estimam e julgam acima de si. E se as coisas que elas observam os outros fazerem forem ordenadas de tal modo que haja alguma insinuação de que se tratam de privilégio de uma idade ou condição superior à sua, então a ambição e o desejo de ir mais adiante e mais alto, e de serem semelhantes aos que estão acima delas, anima-las-á ao trabalho e fa-las-á prosseguir com vigor e prazer – prazer naquilo que começaram por vontade própria. Deste modo, o gozo de sua bem amada liberdade não lhes será encorajamento pequeno. Se a tudo isto for somada a satisfação da confiança e da reputação, posso crer que não haverá necessidade de qualquer outro incentivo (*Spur*) para excitar-lhes tanto quanto necessário a aplicação e a assiduidade. Para alcançar isto, admito ser necessário, desde o começo, paciência e habilidade, carinho e atenção, bem como uma conduta prudente. Mas por que tendes um tutor, se não é preciso qualquer esforço? Entretanto, uma vez que o primeiro resultado esteja estabelecido, todo o resto seguir-se-á mais facilmente do que sob qualquer outra disciplina mais severa e imperiosa. E não creio que seja tarefa difícil alcançar este ponto; por certo não o será se as crianças não tiverem diante de si exemplos molestos. Portanto, o grande perigo que percebo provém unicamente dos servos e de outras crianças malcriadas, ou de outros tipos de pessoas assim corrompidas ou pouco sensatas, as quais estragam as crianças, tanto pelo mau exemplo exposto em sua própria má conduta quanto por oferecer-lhes juntas as duas coisas que elas jamais poderiam ter ao mesmo tempo, a saber: os prazeres viciosos e a distinção.

§.77. Assim como as crianças muito raramente devem ser corrigidas através de palmadas, do mesmo modo penso que a *repreensão* freqüente, e especialmente apaixonada, tem quase a mesma conseqüência molesta. Ela diminui a autoridade dos pais e o respeito do filho, pois suplico que ainda lembres que elas logo distinguem entre a razão e a paixão. E como não podem ter senão reverência pelo que provém da última, rapidamente passam ao desprezo pela primeira; ou se inicialmente causa-lhes terror, ainda assim logo se exaure, e a inclinação natural facilmente aprenderá a ignorar tais espantelhos, os quais fazem barulho mas não são

animados pela razão. Devendo os filhos serem limitados pelos pais unicamente nas coisas viciosas (as quais, são apenas umas poucas em sua tenra idade) podem, quando agem mal, ser corrigidos apenas com um olhar ou com um sinal; ou se algumas vezes devem ser usadas palavras, elas devem ser graves, gentis e sóbrias, representando o mal ou a inconveniência da falta, ao invés de uma *reprovação violenta* do filho, que o leva a não distinguir suficientemente se vosso descontentamento não é mais dirigido a ele próprio do que a seu erro. A repreensão apaixonada usualmente carrega consigo linguagem rude e má, que tem ademais este efeito molesto de ensinar e justificar tal ato nas crianças. E não ficarão envergonhados ou relutantes em aplicar a outros os nomes que lhes oferecem os pais ou preceptores, tendo tão boa autoridade a apoiar seu uso.

§.78. Prevejo que aqui ser-me-á objetado: — “Como assim? Preconizais nunca bater nos filhos, nem repreendê-los por falta alguma? Isto seria deixar as rédeas frouxas para todo tipo de desordens.” Não tanto quanto se imagina, desde que seja tomado o rumo correto no começo do amadurecimento de suas mentes, implantando-se o temor pelos pais acima mencionado. A surra demonstrou, através da observação constante, fazer pouco bem quando a dor é toda a punição temida ou sentida; pois sua influência rapidamente se apaga, juntamente com sua lembrança. Mas há ainda uma, e unicamente uma falta pela qual penso que se deva bater nos filhos, a saber, a *teimosia* ou *rebeldia*. E também nisto penso que deva ser feito de tal modo que a vergonha da fustigação, e não a dor, seja a maior parte da punição. A vergonha de ter procedido mal e merecer castigo é o único verdadeiro limite que pertence à virtude. A dor do látigo, se a vergonha não a acompanha, logo cessa e é esquecida, e rapidamente, pelo costume, perderá seu terror. Conheci os filhos de uma pessoa de qualidades, cujo temor era mantido pelo medo de terem que andar sem sapatos, assim como outros pela apreensão de um látigo suspenso sobre eles. Penso que uma punição deste tipo é melhor do que uma surra, porque é a vergonha do erro e a desgraça que a acompanha que eles devem temer, em vez da dor, se desejais que eles tenham um caráter verdadeiramente honesto (*ingenuous*). Mas a *birra* e a *desobediência obstinada* devem ser dominadas com a força e com palmadas; para isto não há qualquer outro remédio. Em qualquer ação particular que ordeneis que ele faça ou deixe de fazer, deveis ter a certeza de ver-vos obedecidos; nenhuma clemência neste caso, nenhuma resistência. Pois uma vez que se estabeleça entre vós uma prova da competência, um disputa de domínio, como quando ordenais algo e ele recusa, deveis certificar-vos de prosseguir, independente de quantas palmadas custe, se o gesto ou as palavras não mais prevalecerem, a menos que daí em diante pretendais viver sempre obedientes a vosso filho. Uma

mãe prudente e gentil, de minhas relações, foi, em certa ocasião, forçada a fustigar a filhinha, em sua primeira vinda da governanta para casa, por oito vezes consecutivas na mesma manhã, até que pudesse dominar sua *birra* e obter-lhe o assentimento com relação a uma questão muito fácil e irrelevante. Se houvesse desistido mais cedo e parado na sétima fustigação, teria estragado a criança para sempre; através das ineficazes palmadas, teria apenas confirmado sua *insubmissão* que, após isto, muito dificilmente seria curada. Mas tendo sabiamente persistido até que houvesse moldado sua mente e dobrado sua vontade – a única finalidade da correção e dos castigos –, estabeleceu completamente sua autoridade já na primeira ocasião e obteve, daí por diante, o pronto assentimento e a obediência da filha em todas as coisas. Porque foi assim na primeira vez, penso que também foi a última em que ela a surrou.

A dor do látego, na *primeira* ocasião em que se fizer necessária, há que ser contínua e aumentada sem cessar, até que prevaleça integralmente, dobrando a mente no início e estabelecendo a autoridade dos pais. E então, a seriedade e a docilidade mescladas devem mantê-la para sempre.

Isto, se bem refletido, faria as pessoas mais prudentes no uso do látego e do bordão, e evitaria que cressem tão facilmente que bater é remédio seguro e universal, a ser aplicado indiscriminadamente em todas as ocasiões. É certo, entretanto, que se não faz qualquer bem, faz grande mal. Se não chega até a mente e não faz a vontade dobrar-se, enrijece o transgressor; e seja qual for a dor sofrida, fa-lo-á apenas estimar mais a adorável birra que desta vez o conduziu à vitória, e o prepara para o desafio, dando-lhe esperanças para o futuro. Assim, não duvido que através de uma correção mal aplicada, muitos, que se trilhassem outros caminhos teriam sido bastante flexíveis e tratáveis, foram ensinados a ser *obstinados* e *insubmissos*. Pois se punis assim um filho, como se fosse apenas para vingar o erro passado que provocou vossa cólera, que efeito isto pode provocar sobre sua mente, que é a parte a ser emendada? Se não há um *espírito birrento* ou *voluntariedade* misturada ao erro, nada há nele que requeira a severidade das palmadas. Uma admoestação gentil ou séria é suficiente para remediar os escorregões de debilidade, esquecimento e inadvertência; e é justamente adequado ao que eles necessitam. Mas se há *perversidade* na vontade, se é uma desobediência planejada, resoluto, a punição não há que ser medida pela aparente grandeza ou pequenez da questão, mas pela oposição que carrega, e na qual permanece, ao respeito e à submissão que são devidos às ordens do pai. Isto deve ser rigorosamente exigido, e as palmadas devem ser aplicadas intervaladamente, até que alcancem a mente e percebaís os sinais de verdadeiro arrependimento, vergonha e disposição de obediência.

Isto, confesso, requer algo mais do que estabelecer uma tarefa para os filhos e fustigá-los, sem mais nem menos, se esta não for realizada conforme imaginamos; requer carinho, atenção, observação e um bom estudo do temperamento dos filhos, assim como avaliar corretamente seus erros, antes que se chegue a tal tipo de punição. Mas isto não será melhor do que ter sempre em mãos o látigo, como único instrumento de governo? E pelo seu uso freqüente em todas as ocasiões, aplicá-lo mal e tornar ineficaz este remédio último, útil quando há necessidade dele? Pois o que mais se pode esperar, se ele é indiscriminadamente utilizado em todos os pequenos escorregões? Quando por um erro de *concordância* ou pela *colocação* errada de um verso, um rapaz diligente e bem equilibrado merecer a severidade do chicote, da mesma modo que um transgressor perverso e obstinado, por um crime intencional, como se pode esperar que tal tipo de correção seja boa para a mente e vá amoldá-la adequadamente? E ela é a única coisa a ser cuidada; e quando for corretamente disposta, traz consigo todo o resto que possais desejar.

§.79. Onde não há uma *inclinação errônea da vontade* que requeira conserto, não pode haver qualquer necessidade de palmadas. Todas as demais faltas, onde a mente esteja corretamente disposta e não recuse o governo e a autoridade do pai ou do tutor, são tão-somente equívocos, e podem freqüentemente ser relevados; ou quando se fazem notar, não necessitam senão os remédios brandos dos conselhos, direção e reprovação; isto até que esta negligência repetida e voluntária mostre que a falta está na mente e que uma manifesta *perversidade* da vontade repousa na raiz de suas desobediências. Mas sempre que a *teimosia*, que é um desafio aberto, aparecer, ela não pode ser tolerada ou negligenciada, mas deve, na primeira oportunidade, ser submetida e dominada. Deve-se apenas ter o cuidado de não errar e ter-se certeza de que se trata de teimosia e não de qualquer outra coisa.

§.80. Mas uma vez que as ocasiões de punição, especialmente as surras, devem ser evitadas tanto quanto possível, penso que não se deve chegar freqüentemente a este ponto. Se o temor de que falei for alcançado, um olhar será suficiente na maioria dos casos. Na verdade, não deveriam ser esperadas dos filhos mais moços a mesma conduta, seriedade ou aplicação daqueles de idade mais madura. Devem ser-lhes permitidas, conforme mencionei, as ações tolas e infantis adequadas a sua idade, sem levá-las em consideração. A imprudência, o descuido e a vivacidade são características desta idade. Penso que a severidade de que falei não há que ser estendida a ponto de impor tais restrições inoportunas; nem há que serem açodadamente interpretadas como teimosia ou voluntariedade aquilo que é produto natural de suas idades ou temperamentos. Em tais condutas errôneas deve-se-lhes

assistir e auxiliar na correção, como pessoas fracas sob uma enfermidade natural; e mesmo quando desta são avisados, cada reincidência não deve ser contada como total negligência, nem devem na verdade ser tratados como teimosos. Assim como as faltas por debilidade não devem jamais ser negligenciados ou deixadas passar sem que se dê importância, do mesmo modo, a menos que o capricho misture-se a elas, não devem jamais ser exageradas ou muito rigorosamente reprovadas; mas de acordo com o que a ocasião e a idade permitem, devem ser endireitadas com mão afável. Deste modo os filhos compreenderão o que há de ofensivo em cada conduta errônea e, desta forma, aprenderão e evitá-lo. Isto encorajá-los-á a conservar boas suas vontades, o que é a tarefa maior, pois haverão de descobrir que isto os preserva de qualquer grande desgosto e que em todas as suas outras falhas eles contam com a gentil compreensão e o auxílio, ao invés da fúria e das reprovações contundentes de seus tutores e pais. Preservai vossos filhos dos vícios e das disposições viciosas, e com cada degrau de suas idades vereis vir o tipo geral de comportamento adequado àquela idade e às companhias com as quais eles costumemente convivem (converse with); e à medida que cresçam em anos, crescerão em atenção e aplicação. Para que possam, porém, vossas palavras carregar sempre consigo peso e autoridade, se ocorrer em qualquer ocasião que o ordeneis a deixar de fazer qualquer das coisas mesmo infantis, certificai-vos de atingir o ponto desejado e de não permitir que ele tenha o domínio; mas ainda assim, repito que o pai raramente deve interpor sua autoridade e comando nestes casos, ou em qualquer outro senão naqueles que tendam aos hábitos viciosos. Penso que há formas melhores de convencê-los, e uma suave persuasão no argumento (quando é alcançado o primeiro ponto de submissão à vossa vontade), na maioria das vezes, funcionará bem melhor.

§.81. Provavelmente estranharão que eu mencione a *argumentação* com as crianças; mesmo assim, não posso deixar de pensar que este seja o caminho correto de lidar com elas. Elas a compreendem tão cedo quanto à linguagem; e se não estou errado em minha observação, elas adoram ser tratadas como criaturas racionais, antes do que se imagina. Este é um orgulho que deve ser acalentado nelas e, tanto quanto possível, tornado o grande instrumento para conduzi-las.

Mas quando falo de *argumentação*, não me refiro a qualquer outra senão à adequada à capacidade e ao poder de assimilação da criança. Ninguém pode imaginar que com um garoto de três, ou de sete anos, se possa debater como se fora com um adulto. Discursos longos e argumentações filosóficas, na melhor das hipóteses, amedrontam e confundem, mas jamais instruem as crianças. Quando afirmo, portanto, que elas devem ser *tratadas como criaturas racionais*, quero dizer: que deveis



torná-las sensíveis, através da mansidão de vossa conduta e do comedimento, mesmo quando de vossa correção sobre elas; que o que fazeis seja razoável para ti, bem como útil e necessário para elas; e que não seja por capricho, paixão ou fantasia que os ordeneis ou proibais qualquer coisa. Isto elas são capazes de entender. E não há qualquer virtude à qual elas devam ser estimuladas, ou erros de que devam ser resguardadas, sobre os quais eu pense que não podem ser convencidas; mas há que ser por *razões* apropriadas a sua idade e compreensão, e sempre com muito *poucas palavras, e simples*. Os fundamentos sobre os quais são construídos vários deveres e as fontes de bem e de mal das quais se originam talvez não penetrem facilmente nas mentes de adultos não acostumados a abstrair seus pensamentos das opiniões comuns recebidas; muito menos as crianças são capazes de *raciocinar* a partir de princípios remotos. Elas são incapazes de conceber a força de deduções longas. As *razões* que as movem devem ser óbvias e ao nível de seus pensamentos, e tais que possam (se posso assim dizer) ser sentidas e tocadas. Mas se forem consideradas ainda a idade, o temperamento e as inclinações, jamais faltarão motivos deste tipo para convencê-las. Se não houvesse qualquer outro mais particular, ainda assim seriam motivos sempre compreensíveis e poderosos para desviá-las de qualquer falta perceptível o fato de que esta seria um descrédito e uma desgraça para elas, e que desagradar-vos-ia.

§.82. Mas de todas as formas pelas quais as crianças podem ser instruídas e suas maneiras formadas, a mais natural, mais fácil e de maior eficácia é colocar diante de seus olhos os *exemplos* das coisas que gostaríeis que fizessem ou evitassem. Estes, quando lhes são indicados na prática de pessoas de seu conhecimento, com alguma reflexão a respeito da sua beleza ou impropriedade, são mais poderosos para impelir ou desviar sua imitação do que quaisquer discursos que lhes possam ser feitos. Não há palavras que possam estabelecer as virtudes e os vícios em seu entendimento tão plenamente quanto as ações de outros homens, quando direcionais sua observação e as levais a ver esta ou aquela boa ou má qualidade nestas práticas. E a beleza ou inadequação de muitas coisas, na boa e má criações, serão melhor aprendidas e causar-lhes-ão impressões mais profundas nos *exemplos* de outrem do que em quaisquer regras ou instruções que lhes possam ser dadas.

Este é um método a ser usado não só enquanto elas são pequenas, mas a ser continuado enquanto estiverem sob a tutela ou condução de outro. De mais a mais, não sei se este não é o melhor caminho a ser usado por um pai, sempre que lhe pareça adequado, em qualquer ocasião, para reformar qualquer coisa que ele pretenda ver corrigido no filho, pois nada mergulha tão suavemente, e em tanta profundidade na mente dos homens, quanto o

*exemplo*. E qualquer defeito a que fazem vista grossa ou desculpam em si próprios, não faz menos que desagradá-los e envergonhá-los quando é colocado diante deles em outrem.

§.83. Quando, como último remédio, as fustigações vierem a ser necessárias, pode haver dúvida com relação à ocasião e por quem devem ser aplicadas: se logo após o cometimento da falta, enquanto ela está ainda fresca e quente, e se os próprios pais devem bater nos filhos. Com relação à primeira questão, penso que *não* deve ser aplicada *imediatamente*, a fim de que a paixão não se mescle a ela e, desta forma, excedendo a justa proporção, perca seu devido peso, pois que as crianças discernem claramente quando fazemos as coisas pela paixão. Entretanto, conforme mencionei anteriormente, tem mais peso para eles aquilo que lhes parece vir serenamente da razão dos pais; e eles não estão privados desta distinção. Quanto à segunda, se tendes qualquer servo discreto capaz de fazê-lo, e se este tem a função de governo do vosso filho (pois se tendes um tutor não há qualquer dúvida), penso que é melhor que o *sufrimento* possa vir mais imediatamente *da mão de outro*, embora por ordem dos pais e em sua presença. Deste modo, a autoridade dos pais será preservada e a aversão da criança pela dor que sofre é dirigida à pessoa que imediatamente lhe infligiu, pois penso que *o pai raramente deve bater no filho*, fazendo-o apenas sob necessidade muito urgente e como último remédio. E então, talvez seja adequado proceder de tal forma que o filho não vá esquecer-se disto rapidamente.

§.84. Mas, como disse antes, a *surra* é o pior e, portanto, o último meio a ser usado na correção dos filhos; e isto apenas nos casos extremos, depois que tenham sido tentados e demonstrado-se malsucedidos todos os meios mais brandos. Mas se estes forem bem observados, muito raramente haverá qualquer necessidade de palmadas, pois não é de se supor que o filho freqüentemente – se é que isso há de acontecer alguma vez – vá resistir às ordens do pai em qualquer caso particular. E se o pai observa de não interpor as regras peremptórias de sua autoridade absoluta, tanto em relação às ações infantis ou indiferentes – ocasião em que o filho deve ter sua liberdade – quanto com relação ao seu aprendizado ou melhoria – onde não há compulsão a ser usada –, resta apenas a proibição de algumas ações viciosas nas quais a criança é suscetível à *teimosia* e pode, conseqüentemente, merecer uma *surra*. Assim, haverá muito poucas ocasiões para um pai sensato, que ordene adequadamente a educação do filho, usar esta disciplina. Durante os primeiros sete anos, de que vícios pode uma criança ser acusada, senão por mentir ou alguma traquinagem? É a recorrência destes, mesmo após ordens diretas do pai em contrário, que pode levá-lo à condenação por *teimosia* e ao castigo do látego. Se qualquer

inclinação viciosa, na primeira ocasião em que aparecer, for tratada adequadamente, inicialmente com vosso espanto, e então, se retornar novamente uma segunda vez, for desaprovada pelo sobrolho severo do pai, do tutor e de todos que o circundam, por um tratamento que corresponda ao estado de descrédito já mencionado, e pela continuidade destes procedimentos até que ele seja tornado sensível e envergonhado de sua falta, imagino que não haverá necessidade de qualquer outra correção nem sequer ocasião para chegar às palmadas. A necessidade de tal castigo é usualmente conseqüência apenas de indulgências ou negligências anteriores. Fossem as inclinações viciosas prevenidas desde o começo, fossem as primeiras irregularidades que causassem corrigidas através daquelas formas mais brandas, raramente teríamos que avir-nos com mais de um defeito por vez, o qual seria facilmente corrigido, sem qualquer reboliço ou barulho, e não requereria uma disciplina tão áspera quanto a surra. Assim, um por um, conforme aparecessem, deveriam ser todos extirpados, sem quaisquer sinais ou memória de que uma vez tivessem estado lá. Mas deixando suas faltas crescerem (indulgenciando e satisfazendo nossos pequeninos) até que estejam viçosas e abundantes e até que a deformidade deles nos torne constrangidos e envergonhados, estamos condenados a recorrer ao arado e à grade, a pá e a picareta devem penetrar fundo para ir às raízes, e toda força, habilidade e diligência que possamos usar ainda são escassas para limpar o viveiro sujo (vitiated Seed-Plat), tomado de ervas daninhas, e restaurar-nos a esperança de frutos para recompensar nossos esforços no devido tempo.

§.85. Este caminho, se observado, poupará tanto o pai quanto o filho do problema de repetidas injunções e de múltiplas regras quanto a ações ou omissões. Sou de opinião que nenhuma das ações que tendem a hábitos viciosos (que são os únicos em que o pai deve interpor sua autoridade e comando) deve ser proibida aos filhos enquanto não for descoberto que são culpados delas, pois tais proibições extemporâneas, se não causam nada pior, ao menos ensinam à criança a possibilidade da falta, uma vez que supõem que ela pode cometê-la e que estaria mais segura na ignorância. E o melhor remédio para estancá-las é, como já disse, mostrar preocupação e espanto ante qualquer destas ações que têm tendência viciosa, já na primeira vez que forem percebidas no filho. Por exemplo, na primeira vez em que for pego numa mentira ou qualquer travessura, o primeiro remédio deve ser conversar com ele a respeito disso como sendo uma coisa estranha e monstruosa que não se poderia imaginar que ele houvesse feito, e assim envergonhá-lo por isto.

§.86. Será objetado (provavelmente) que a despeito de qualquer fantasia minha sobre a docilidade das crianças e a prevalência daqueles meios mais brandos da vergonha e da distinção, ainda assim há muitas que

jamais aplicar-se-ão aos livros ou àquilo que devem aprender, a menos que sejam obrigadas a isto. Temo que esta não seja senão a linguagem das escolas regulares e do costume, que nunca permitem que o outro seja tentado, como deveria sê-lo, em ocasiões em que poderia ser experimentado. Se não é assim, *por que o ensino de latim e grego precisa do látego, enquanto o francês e o italiano não o necessitam?* As crianças aprendem dança e esgrima sem serem fustigadas, e também à matemática e ao desenho elas se adaptam bem sem as surras. Isto faria suspeitar-se que existe algo estranho, antinatural e desagradável para aquela idade nas coisas requeridas nas Escolas de Gramática, ou nos métodos lá usados, fazendo com que as crianças não possam ser conduzidas sem a severidade do chicote, e mesmo com ele, sendo conduzidas com dificuldades; ou, por outro lado, que é um erro que aquelas línguas não lhes podem ser ensinadas sem surras.

§.87. Mas, suponhamos que há crianças tão negligentes ou preguiçosas que não possam ser levadas a aprender pelos caminhos mais brandos propostos – pois temos que admitir que encontraremos crianças dos mais diferentes temperamentos. Não se segue daí que a árdua disciplina do porrete deva ser usada para todos, nem se pode concluir que alguém seja ingovernável através dos *métodos mais amenos*, até que estes tenham sido *completamente experimentados* com ele. E se não triunfarem para levá-lo usar seu esforço e fazer o que está ao seu alcance, não damos qualquer desculpa aos teimosos: as tundas são o remédio adequado para eles, mas tundas dadas de modo diferente do costumeiro. O filho que caprichosamente negligencia seus livros e recusa-se, por birra, a qualquer coisa que é capaz de fazer e que lhe é requisitada pelo pai, através de uma ordem positiva e séria, não pode ser corrigido por não ter executado sua tarefa com duas ou três chicotadas iradas, e receber a mesma punição repetidamente sempre que cometa a mesma falta. Quando, porém, se chega a tal ponto em que o capricho revela-se com evidência e tornam necessárias as tundas, penso que o castigo deve ser um pouco mais circunspeto e um pouco mais severo, e a fustigação (mesclada com advertências) continuada de tal modo até que as impressões dela na mente se tornem legíveis na face, na voz e na submissão da criança, até que já não sinta tanto pela dor, mas pela falta de que é culpada, e até amolecer-se (melting) em arrependimento verdadeiro. Se uma correção deste tipo, repetida algumas poucas vezes a intervalos convenientes, conduzida aos limites extremos de severidade e acompanhada de um visível desgosto do pai, não produzir efeito, mudar a mente e produzir uma submissão futura, então, o que pode ser esperado das *tundas* e para que propósito deveriam ainda ser usadas? *A surra*, quando dela não podeis esperar qualquer proveito, aparecerá mais como a fúria de

um inimigo enraivecido do que como a boa vontade de um amigo complacente. E um castigo assim carrega consigo somente provocação, sem qualquer expectativa de correção. Se for o infortúnio do pai ter um filho assim perverso e intratável, não sei o que mais ele possa fazer, senão rezar por ele. Mas imagino que se o rumo correto for tomado desde o começo com relação aos filhos, ver-se-á que bem poucos são assim. E quando ocorrer algum desses casos, eles não serão a regra para a educação daqueles que são melhores por natureza e que podem ser dirigidos com um melhor tratamento.

---

---

**Avelino da Rosa Oliveira** e **Gomercindo Ghiggi** são professores de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com vários trabalhos de parceria, publicaram em co-autoria *“Locke e o conceito de disciplina ou os pressupostos da educação burguesa”*, em Cadernos de Educação, n.4 e o livro *“O conceito de disciplina em John Locke”*, pela EDIPUCRS, em 1995. **Gomercindo** é doutor em Educação pela UFRGS e **Avelino** é doutorando, também na UFRGS.

**E-mails:** oliveira@ufpel.tche.br  
ghiggi@ufpel.tche.br

---

---

Texto recebido em outubro/2001